

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Julia Falivene Roberto Alves**

**Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica**

**São Paulo/SP**

**2014**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec)/ Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevistadora conheceu a professora Júlia Falivene Alves nas capacitações da Cetec, em 2001. Entre 2001 e 2002, por um ano, foi monitora do projeto de Historiografia na Etec Carlos de Campos, coordenado pela professora Julia Falivene na Cetec, e, desde 2002 até a aposentadoria dessa professora em 2011, a entrevistadora trabalhou próxima da professora Julia como coordenadora de projetos, mas sempre observando com muita admiração todos os projetos que a professora Júlia Falivene Alves desenvolveu no Centro Paula Souza.

Elaboração do roteiro da pesquisa: a entrevista concedida a Maria Lucia M Carvalho, durante o ano comemorativo dos 45 anos do Centro Paula Souza.

Local da entrevista: Residência da professora em São Paulo

Data: 5 de outubro de 2014

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 113 minutos e 22 segundos

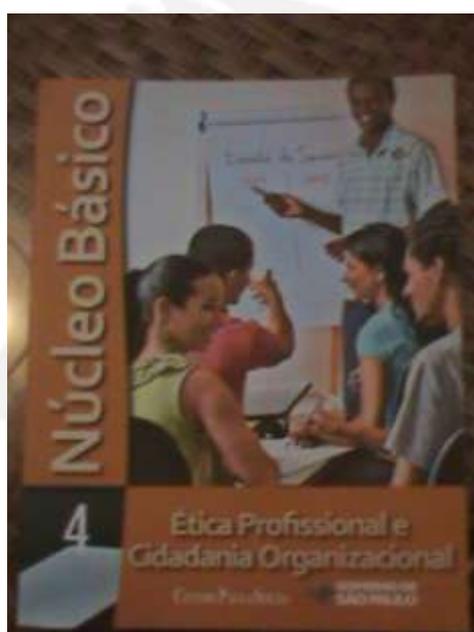
Número de vídeos: quatro

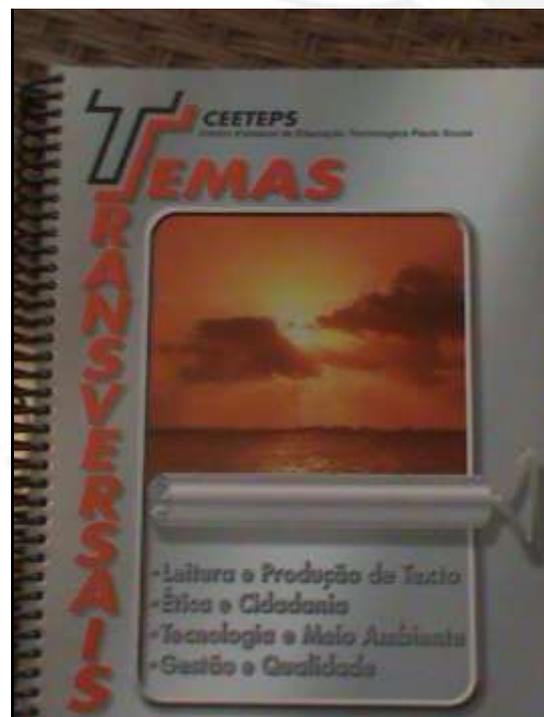
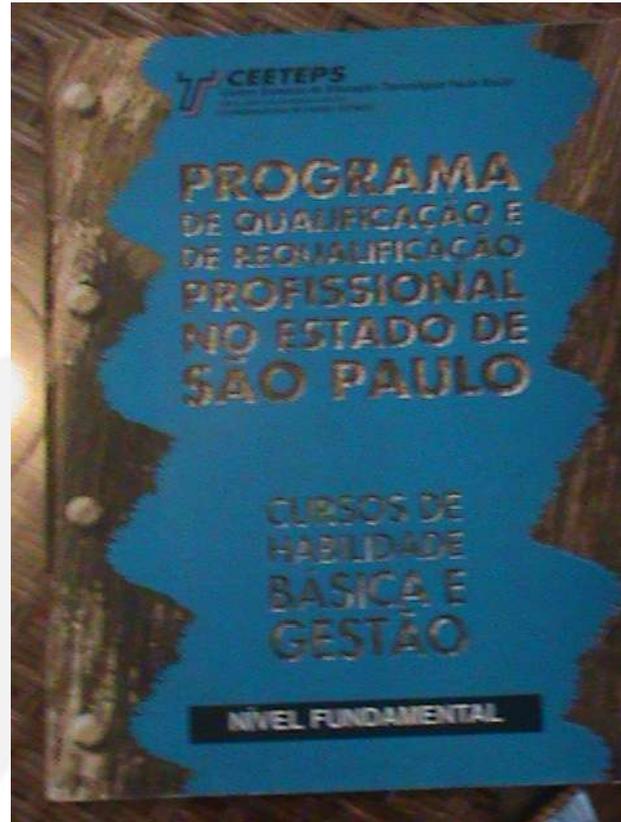
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

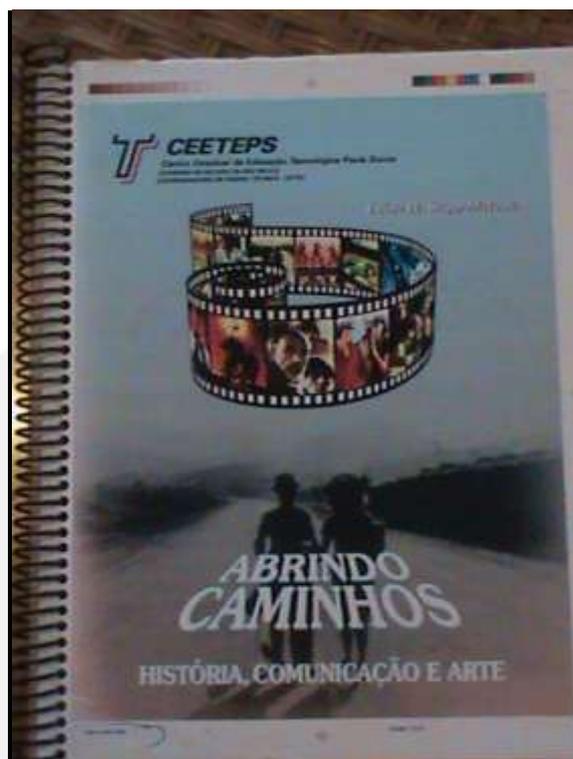
Número de páginas: 31

### **Sinopse da entrevista**

Essa entrevista foi realizada em 5 de outubro de 2014, dentro do Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), em 2013. No entanto, a transcrição da entrevista foi concluída recentemente, para ser integrada ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), a fim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Para esse projeto propôs-se envolver docentes que atuam no GEPEMHEP com projetos de HAE, empregando a história oral como metodologia de pesquisa, e participando de duas capacitações – os Clubes de Memórias XXIX e XXX, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018. Como Julia Falivene Alves foi professora da Etec São Paulo, coordenadora de projetos de História, de cursos de EAD e coordenadora do projeto de “Historiografia das Escolas Técnicas mais Antigas do Estado de São Paulo”, fiz um convite para lhe entrevistar pela segunda vez, a fim de registrar o seu período de trabalho no Centro Paula Souza. A seguir, cópias digitais de apostilas e livros produzidos pela professora Julia Falivene, que gentilmente, nos forneceu para fotografar.







### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: Iniciada em 22/9/2016 e concluída em 25/12/2018.

Nome do transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

### **Vídeo um (trinta e cinco minutos)**

**MLMC:** Boa tarde, Julia Falivene Alves. Eu gostaria de agradecer por você, novamente, estar nos recebendo para conceder uma entrevista. Hoje, dia 05 de outubro de 2014.

**JFRA:** Um dia importante para a história do Brasil.

**MLMC:** Um dia importante para a história do Brasil, e um dia que você vai nos conceder a entrevista sobre o seu período no Centro Paula Souza, que foi quando nós paramos na outra entrevista. E também por que amanhã nós comemoramos 45 anos de Centro Paula Souza.

**JFRA:** Que lindo...

**MLMC:** Também é uma data muito importante para nós que trabalhamos com história da educação profissional.

**JFRA:** É.

**MLMC:** Eu sei que você contasse com foi a sua trajetória no Centro Paula Souza. Eu sei que você escreveu vários livros, desenvolveu práticas pedagógicas, e por isso eu gostaria que você contasse um pouco para nós dessa sua trajetória.

**JFRA:** Em primeiro lugar eu quero agradecer a você por ter me escolhido entrevistar, entre outras pessoas, por que eu sou apaixonada pelo Centro Paula Souza, e toda a minha trajetória profissional me encantou, e eu fui feliz todo o tempo.

**JFRA:** Desde o primeiro dia que eu dei a primeira aula. A gente não dá aula, a gente trabalha com a aula. A iniciativa de dar e o aluno de receber. Então, desde o primeiro dia de aula como professora até o último, eu só tive satisfação em ser educadora.

**JFRA:** Mas o período do Centro Paula Souza foi muito especial, muito, muito... Porque, eu trabalhava nas escolas públicas. Eu trabalhei em algumas como na última entrevista você viu, e a última que eu trabalhei, eu trabalhei vinte anos. Então eu fazia projetos, mas a gente não chamava de projeto. Eu fazia interdisciplinaridade, mas a gente não chamava de interdisciplinaridade. ... E sempre trabalhando aquele espírito de fazer coisas com os alunos, atividades que eles aprendessem por si mesmos, e a gente fosse só uma orientadora.

**JFRA:** Por exemplo, eu me senti privilegiada, por que eu era casada, mas não tinha filhos. Mas, o meu rico salário de professora no começo da carreira, depois não, me dava a oportunidade que para outras pessoas não era dada. Porque tinham filhos para cuidar, talvez não tivesse um casamento assim com mais recursos, por parte da união conjugal. Então eu podia, naquela época, eu podia estudar muito, gostava muito, lia muito. Então é lógico que eu inventava coisas para fazer.

**JFRA:** Mas, nunca isso se aproximou da décima parte do que foi de estímulo para eu melhorar. Para eu me abrir mais os horizontes, do que o período que eu fiquei no Centro Paula Souza. Mas eu devo esse fato de ter entrado no Centro Paula Souza, ao fato de ter trabalhado no MMDC, na Mooca, onde a Márcia Loducca trabalhava e o Carlos, que foi diretor da ETESP. Mas acho que no momento não é mais ele. E a Márcia foi trabalhar no Centro Paula Souza e ficou encantada. E falava do Centro Paula Souza e falava, e então quando houve uma vaga ele também foi, o Carlos foi trabalhar lá. Até então eu nem sabia que existia, eu não tenho vergonha de confessar.

**JFRA:** Só um parêntesis: - Naquela época tinha uma professora ou professor responsável por disciplina trabalhando com o Almério. Não chamava Cetec, chamava GATE. Eu não me lembro se no começo tinha esse nome – GATE, que a gente até achava engraçado, ou se chamava Coordenadoria do Ensino Técnico. Então era a Márcia em contato com a professora Fátima Simões de Souza, soube que ela estava trabalhando com um grupo de professores de História, que era pequeno, por que eram só oito “etes”, eram somente oito professores, as vezes um pouco mais, por que em alguma escola havia dois. Então ela soube que a Fátima estava trabalhando para introduzir a história temática lá. O professor Pedro Paulo Funari, que na época ele era da USP, mas ele estava entrando na UNICAMP, como ele era doutor, como o que é depois de doutorado?

**MLMC:** Livre docência.

**JFRA:** Ele que dava assessoria, por que ele tinha participado também das discussões da história temática. E eu já estava fazendo a história temática, que era lá no MMDC, por que eu tinha sido uma das professoras que participou da apresentação do programa pela CEMPE. Cada delegacia mandou um representante, a delegacia de ensino, e eu fui uma das enviadas por Deus.

**MLMC:** Que ano foi isso?

**JFRA:** Agora que é perigoso. Foi em 1986.

**JFRA:** Eu fiz uma cola. Eu não decorava data e então eles também não precisavam decorar. Então eu anotei aqui na minha cola que foi em 1986, que foi a reunião.

**JFRA:** Então quando eles falaram em história temática, nossa, eu fiquei babando. Mas falei assim, afasta um pouquinho isso. Não o tempo todo. Era época dos jogos olímpicos. Os professores de história sempre falavam um pouco de jogos olímpicos. Eu aproveitava um pouco mais a oportunidade e, eu começava na Grécia, e a maioria aos pouquinhos eu ia chegando ate entrar aqui no Brasil, e os vários esportes. Por exemplo, se fosse um outro evento histórico muito importante eu também fazia, mas aproveitava aquilo, mas não só com o fato de que tinha importância histórica. Eu fazia um jogo entre o começou daquele processo histórico que desencadeou um outro do nosso tempo e começava muitas vezes de trás para a frente. Com os alunos, o que eles tinham de informação, e como que eles trocavam as informações com os colegas, e daí eu pulava lá o carnaval.

**JFRA:** Então eu tinha a oportunidade de fazer a história temática, e tinha uma professora e ela competia comigo a simpatia com os alunos. E quando teve uma copa do mundo, eu dei uma prova, como o tema – futebol, e, ela ficou indignada: - que é isso? - Uma professora de História falando de futebol. Mas ela não foi ver tudo o que foi dito, o que foi discutido, e que o futebol já existia aqui entre os Maias, que é uma coisa complicada hoje, mas que na

época era um evento religioso. Eram duas equipes com onze jogadores, tinha a pelota e tinha o seguinte problema, hoje para nós, para eles não: o time que perdia. Como chama o coordenador? O coordenador do time.

**MLMC:** Capitão do time.

**JFRA:** Isso: - Capitão do time! Então pensa bem era um povo aqui da América Latina, muito tempo antes de Cristo, que já tinha ideia de onze, tinha a bola e não tinha aquela trave mas tinha uma parede com argola. Quando você foi ao México você viu? Quando a gente vai ver alguma pirâmide, tem lá o campo, e ficava uma rodela como se fosse basquete. Para nós o futebol chegou por causa dos ingleses. Então eu fazia essa tramoia toda e adoravam. Os alunos que estavam no terceiro ano, eles ficavam meios preocupados, por que eles queriam matéria para o vestibular. E eu fala para eles, se vocês gostarem de estudar, vocês podem estudar sozinhos qualquer coisa. Aqui nós estamos exercitando a pesquisa, ver a intenção das coisas, a diferença, e isso vai ser um campo muito fértil para vocês. Inclusive, fazerem o seu curso universitário ou não fazerem, é uma coisa para sua vida. Daí eles começaram a gostar, gostar. E as vezes tinham crise e daí começaram a professora faz tempo que a gente não estuda.... Você não tem livro? Eu estou te ensinando a ler, e então estuda sozinho, vai estudando que você consegue. Ninguém me proibiu, foi só uma que deu problema lá por causa do futebol, por que jogos olímpicos podia. Daí eu fui convidada para participar e reproduzir aos outros professores. Então eu consegui dar sequencia ao meu trabalho, só que agora muito mais livre, muito mais certa, de que eu estava no caminho ideal e assim por diante.

**JFRA:** Bom, como a Márcia Loducca e o Carlos trabalhavam comigo, e quando eles souberam que a Fátima e o Pedro Paulo Funari estavam introduzindo a história temática, e estavam tendo um pouco de dificuldade, porque tinha professor que se espantou, e que não era culpa deles, por que desde os nossos avôs, sempre se estudou a história assim: - vamos começar pela antiguidade, encerra a cortina, e depois vêm os bárbaros, a Idade Média. E tanto que os alunos falavam por que eu tenho que estudar isso, que esse povo já morreu e eu estou vivo. Você não estaria vivo, como você está se não tivesse existido tudo isso antes. Por que você e eu, e todos aqui, somos uma síntese de todo esse tempo. De vez em quando eles davam uma dessa e depois eles vinham e diziam: - olha professora eu pensei bem; e assim ia.

**JFRA:** Então a Márcia me elogiou, eu gostava do trabalho que ela fazia e eu gostava do trabalho que eu fazia, e ai eu fui conversar com eles, e para dizer que eu já estava utilizando a história temática e que estava dando certo. Eles iam, por que eu acho que eles ganhavam pontos. Mas eles não quiseram enfrentar. Eu entendi depois por que eles não quiseram enfrentar. Primeiro por que eles tinham pouco tempo para estudo, e o tema escolhido foi "Trabalho e Cultura popular" iniciado no primeiro ano colegial. Como de costume, eles falavam do trabalho escravo em duas horas, e eles estavam meios perdidos, o ano todo com o trabalho escravo e com a cultura popular.

Cultura popular, e então arrepiava, o que eu tenho que fazer com cultura popular? E na verdade eles se queixavam, por que o ano todo vai ser trabalho e trabalho escravo e cultura popular. E daí conversando, conversando, eu vi que era por causa disso. Eles não pensaram, o Pedro Paulo e a Fátima pensaram evidentemente, que a escravidão foi o período maior que nós já tivemos na nossa história. E que teve várias fases e várias coisas que aconteceram para a gente ter essa cultura popular que tem, não teriam se não fosse tanto tempo do escravo negro e, depois dos seus descendentes, quando acabou a escravidão.

**MLMC:** Inclusive na saúde eles tinham um papel fundamental: - eles faziam sangrias.

**JFRA:** Eu era uma convidada e ainda não era professora lá no Centro Paula Souza. Mas, eu ia com um gosto, por que tinha gente que também ia trabalhar com história temática, era a maior satisfação. Eu sei que daí a gente foi vendo isso e eu ia com gosto porque tinha gente que queria passar para a história temática, foi a maior satisfação. Daí a gente começou a passar textos. A gente tinha e estava recebendo para fazer isso. No fim dois a trabalhar, mas a gente não obrigou. Mas era uma questão de opção, e ele não ia ser enforcado por causa disso. Então passado uns tempos nós vimos que podíamos mudar a programação. Eu fui contratada para substituir uma professora e trabalhar no segundo ano, e eu comecei a trabalhar história temática com o segundo ano.

**MLMC:** Para qual escola?

**JFRA:** A Etec São Paulo. Naquela época tinha o ensino técnico e o ensino médio separado. E então eu dava aula para eletrônica e mecânica, e eles não gostavam de história. Por que quem gosta de eletrônica e mecânica não é o mesmo que gostaria de fazer psicologia e sociologia. O modo de encarar o valor das ciências é diferente.

**MLMC:** Para a maioria.

**JFRA:** Para a maioria. Por que você é um caso que mostra bem, você percebeu o valor de tudo, e você incorporou na sua prática e na sua vida. Mas tem gente que acha uma bobagem e por que eu preciso disso. Enfim, trabalhei aquele resto do ano assim. Eu não sei vou poder falar tanto assim de cada projeto.

**MLMC:** Você vê, de repente no início vale a pena detalhar para a gente entender como foi.

**JFRA:** Como agora temos o Centro de Memória, daqui há 50 anos, 80, quem for consultar, vai falar eu não sabia disso. Então nós mudamos o eixo assim: - que era, esqueci. Era trabalho escravo. (folheando os escritos...) É tanta coisa, mexi tanto aqui, daqui a pouco, eu lembro.

**MLMC:** Depois, na transcrição, dá para você acrescentar.

**JFRA:** Isso: - “trabalho e cultura popular nas sociedades pré-industriais”. Tudo que veio antes do século XVIII era pré-industrial. Então os professores: - Ah, que bom! Trabalho escravo vem desde a antiguidade. Então eles foram repassando, e vendo como que o trabalho se refletia nas outras coisas.

**JFRA:** Então o primeiro ano foi assim, e o segundo ano, foi trabalho nas sociedades industriais. Sempre o trabalho, como aquele que produz. É o que produz a história: - o trabalho. É ele que produz o avanço na técnica. Nós tivemos a sorte que 84 escolas da rede da Secretaria da Educação, vieram para o Centro Paula Souza. Eles vieram muito felizes. O salário era muito melhor e eles pegaram a história temática. Depois, eles perceberam que o salário ia diminuir. Enfim, você estava nesse período?

**MLMC:** Não. Entrei em 2000.

**JFRA:** Eles eram muito felizes, eles tinham encontros e eles podiam estudar nesses encontros, e eles pegaram a história temática. Mas depois eles perceberam, como todos perceberam, que o salário ia diminuir, por que teria que repartir o bolo. Enfim, a gente trabalhou e eles tinham encontros mensais. E nesses encontros sempre o Pedro Paulo fazia um estudo com eles, e tinha um convidado que fosse professor universitário, e que tinha produzido livros cujos assuntos eles precisassem.

**JFRA:** Esses assuntos eram os mais diversos, mas sempre se tirava a relação desses assuntos com o trabalho e então foi isso. A gente sentiu muito feliz, junto os três. Mas depois, a Fátima fez um concurso e foi ser diretora em uma escola, eu fiquei no lugar dela. Daí eu já era contratada pelo Centro Paula Souza. Quando vagou as aulas de uma professora que mudou para o Paraná ou Santa Catarina, então teve concurso e eu passei, e praticamente eu já estava conhecida lá.

**MLMC:** Isso foi em que ano?

**JFRA:** Em 1992.

**MLMC:** Agora esse tema trabalho era de política governamental ou era definido pelo Centro Paula Souza?

**JFRA:** Foi na CEMPE que era um órgão da educação. Mas eu não acredito que o entusiasmo tenha envolvido muitas escolas. Eu gostaria até de saber como que faz hoje. Por que depois eu entrei no Paula Souza, me acostumei com isso, e para mim, no meu universo é história temática. E depois que eu deixei de ser só Professora Responsável por História, e passei a Professora responsável por projetos, professora responsável por equipes, e a história foi ficando para lá. Por que eu fui me envolvendo em outras coisas, e por isso eu acho que ganhei muito de ter ido para o Centro Paula Souza. Por que com

aquele coordenador a gente tinha, e que você ainda tem, a gente ia para qualquer lugar. Por que ele falava com a maior naturalidade.

**MLMC:** O professor Almério, ele lê muito, e você percebe isso quando está conversando com ele.

**JFRA:** E nas férias ele vai para a Paraíba, e quando ele vai para a praia e com os livros. E então eu fui me distanciando da história, e fui para praias que já imaginei ir. Mas agora só um finalzinho que eu achei legal: - a gente propôs, mas que não deu muito certo. A gente pensou assim: - Bom, já que estamos falando de trabalho e de cultura popular, para cursos totalmente diferentes, a gente vai trabalhar a história toda igual? Não seria mais interessante que houvessem subtemas ligados a aquelas profissões: agrimensura; saneamento; cultural alimentar do brasileiro no curso de Nutrição e Dietética; história da comunicação e de registros de informação para Processamento de dados e Secretariado. Depois, quando estiver tudo anotado, para quem tiver interesse em saber. Bom, alguns professores fizeram essa incorporação do subtema do tema, e algumas experiências deram certo. Enfim, a gente fez muita coisa boa, fizemos muitas visitas, fizemos na Pinacoteca com os professores. A gente fazia um roteiro antes de sair do prédio do Centro Paula Souza e uma parte de preparação.

**MLMC:** E nessa época, o prédio não estava como agora, que a pinacoteca agora parece o Louvre.

**JFRA:** Faz uns três ou quatro anos que eu não vou para lá.

**MLMC:** Foi o ministro da cultura, o Welfort que provocou e fez essa mudança. Já tinha o Manuel?

**JFRA:** Eu sempre fui assim desde que eu era aluna. Eu não guardo nomes, não guardo datas e não é por causa da idade.

**MLMC:** Essas mudanças eu acho que ocorreram no começo do governo Lula, é o que eu me lembro.

**JFRA:** Então nós fomos a uma exposição de imigrantes, da imigração italiana. Visita ao centro histórico, eu não fui, não me lembro, acho que foi a Fátima ou o Pedro Paulo, alguém fez isso. Mas foi atividade do projeto. Nós tivemos um curso, acho que era o Itaú. Qual é o outro banco que fica lá na Paulista.

**MLMC:** O Itaú Cultural. Eles deram um curso de “transformação urbana”. Esse ano está sendo sobre formação de pessoas para os Centros de Memória, e na próxima quarta-feira vai ser sobre “vocabulário controlado”, que nós estamos trabalhando agora. Muito bom mesmo.

**JFRA:** Eu vou interessar por mais coisas, porque eu já estou caminhando para outro lado. Fizemos a visita da Luz, a Tiradentes, o Museu de Arte

Sacra, e foi interessante. Eu fiz um roteiro para eles, fui fazer um roteiro. Fui várias vezes lá e fiz um roteiro interessante. Então eu sugeri que eles fizessem um trabalho com os alunos trazendo para esse museu ou levando para um museu da cidade. Daí eu fiquei contente por que uma professora apresentou e ela falou que os alunos escolheram com ela e então eles fizeram com ela o “Museu de hoje”. Um museuzinho com ela e eu achei legal, por que eles quiseram deixar marcado a experiência de vida deles. E outro estava planejando fazer o “Museu da religiosidade do Brasil de hoje”: - Ué, mas aqui só tem coisas de católicos. Mas arte sacra tem de todas as religiões, nos índios, dos negros que vieram de diversos pontos da África. E no museu de arte sacra católica, e eles tiveram essa ideia e eu achei interessante.

**MLMC:** Hoje, felizmente a gente tem o Museu Afro-brasileiro, que acho um presente, e que foi na época do Gilberto Gil.

**JFRA:** Eu ainda não conheço. Eu te contei que desisti de mudar para Campinas.

**MLMC:** Aí que bom, os amigos, os amigos agradecem.

**MLMC:** Eu vou fechar agora.

### **Vídeo dois: (dezesesseis minutos)**

**JFRA:** O outro projeto que eu trabalhei e que também foi muito gratificante foi o de metodologia para o ensino técnico. Esse projeto, ele surgiu por uma ideia vinda de duas escolas: a Etec Camargo Aranha e a Etec Rubens Faria de Souza. Então essas duas etecs, e eu não sei como foi, eles faziam com que no final do curso os alunos tivessem que apresentar um trabalho de conclusão. Ali é que começou a ideia.

**MLMC:** Isso em que ano foi?

**JFRA:** Um pouco antes de eu ter entrado. Por volta de 1991 ou 92.

**JFRA:** Eram dois professores, o Valdomiro Camargo, da escola da Mooca, e eram três curso:s Administração, Nutrição e Alimentos. A Silvana Brenha Ribeiro, que era da Nutrição e de Alimentos. Então eles escolhiam determinados produtos. Os que eram da área de alimentos teriam que produzir aquele produto e que deveria ser lançado no mercado, e um produto que fosse nutritivo e barato, e que fossem novos no mercado.

**JFRA:** Então a parte de alimentos ficava lá testando até chegar aquele produto. E então ficava testado, e depois, que já estava pronto passava para o pessoal de Nutrição, para ver se realmente era nutritivo e tinha aquela porcentagem toda. Depois passava para a Administração que iria bolar uma

empresa que industrializasse esse produto, e que depois pensassem no lançamento, e também tratasse da propaganda.

**JFRA:** Quando eu cheguei isso já estava feito.

**JFRA:** Isso deu muito certo, por que os alunos ficavam se sentindo na profissão, e como eram diferentes, às vezes o encontro era num lugar, às vezes era em outra etc. Mas eu não sei quem teve iniciativa no Centro Paula Souza. Mas eu sei que houve uma parceria com a Vitae e com a FAT deu muito certo. E ficou uma parceria assim: o Centro Paula Souza faria isso em várias escolas, mas com muito mais subsídios, por que a Vitae ia aplicar uma tática nas escolas. Uma prática de incorporar aquelas escolas com uma porção de aparelhos de laboratórios e ia dar bolsa para os professores que trabalhassem, e a parte de informática. Enfim, deram uma boa alavancada para o desenvolvimento e era ideia para as nossas escolas.

**MLMC:** E as escolas estavam precisando nesse período, elas vieram sem recursos.

**JFRA:** Não ajudou, por que eram somente as escolas mais antigas.

**MLMC:** De qualquer forma, ajudou a estruturar essas escolas.

**JFRA:** Depois te conto, mas aquelas também tiveram, mas não eram mais financiadas pela Vitae.

**MLMC:** Eram só as oito primeiras.

**JFRA:** Era interessante porque a FAT pagava o transporte dos alunos e dos professores e o resto era tudo a Vitae que pagava. Eu sei que daí, nós tivemos o seguinte caso: nós íamos trabalhar no primeiro e segundo ano, era mais a parte do ensino médio que fazia isso. Eu não lembro bem como funcionava: - os alunos tinham algumas disciplinas do ensino médio e as técnicas, três para eles saírem com uma bagagem que tivesse haver com o que eles iam fazer.

**MLMC:** Que ano foi?

**JFRA:** Você faz cada pergunta. Três anos. Começou em 1994 com a Vitae e foi até 1996.

**MLMC:** Eu fui professora de Tecnologia de Alimentos, os alunos do último ano.

**JFRA:** Que ano?

**MLMC:** 2000.

**MLMC:** Eu fui professora da última turma de Nutrição do último ano.

**JFRA:** A gente que eu falo: - era eu. Você me desculpa, eu não anotei o nome dela. Depois eu procuro. Mas agora está voltando, começou a mexer no vespeiro. Eu sei que a gente começou com um texto matriz, era o filme “Ilha das Flores” que tinha acabado de subir na mídia, tudo por que foi uma coisa inesquecível para todo mundo. A gente conseguiu ter o filme, e também a parte escrita, e tinha um roteiro, mas não só o roteiro, e a gente pode fazer isso com todas as formas do projeto. E não ficava só vendo o pessoal comer o lixo. Mas assim a visão de mundo. Por que tem essa diferença. Tem gente que vai e gasta uma nota no restaurante. E interdisciplinaridade, mas com essa mensagem. Isso é para vocês pensarem. Por que tem isso aí? Vocês já viram isso em outro lugar? A falar disso aí?

**MLMC:** Essas discussões aconteciam dentro da Paula Souza? Ou era dentro de uma secretaria?

**JFRA:** Por que você está falando isso?

**MLMC:** Para saber se tem relações com políticas públicas ou se tem relação com a equipe de projetos que começa a ampliar os horizontes.

**JFRA:** As escolas que queriam uma parceria tinham que apresentar projeto. Então aquele projeto da parceria da Camargo Aranha com Sorocaba foi apresentado e foi aprovado. Então era para ter interdisciplinaridade e, para ter também que as ciências se aperfeiçoam uma com a outra.

**JFRA:** Então você viu que tinha uma ideia de expansão e de potencialidade para o aluno viver no planeta. E daí no segundo ano, o texto continuava esse. O texto matriz eu lembro de ter feito. Eu acho que fui eu que fiz, mas eu não tenho tanta certeza. Aí tem internacionalização da economia.

**MLMC:** Quem mais trabalhava pensando nisto?

**JFRA:** Os títulos que você dá para os textos são enormes.

**MLMC:** Quando questionam que os meus títulos são enormes, e eu então digo que sou pupila da Julia.

**MLMC:** Eu me lembro muito bem no início da minha carreira, que você falava para escrever muito, e explicava por quê. Não pode gerar dúvidas. É melhor escrever mais para eles não terem dúvidas.

**MLMC:** E então eu digo que sou pupila da Júlia.

**JFRA:** Daí o que eles fizeram. Daí com os professores. Eu não era mais professora, eu era coordenadora. A gente falava Alimentos.

**MLMC:** Então o projeto Alimentos é esse programa de metodologia?

**JFRA:** A gente tem 50 anos e a família chama Nenê, o Nenê, e ninguém sabe quem é, e é essa história.

**JFRA:** Daí veio a fabrica e eles tinham que escolher os alimentos. Eu não me lembro, mas eu tenho escrito e depois eu passo para você. Eles inventavam coisas, levavam para a gente degustar: - e pensava será que ficou bom?. E no último dia, que era a apresentação, eles levam para a gente degustar. E o que não dava certo, eles batiam com a cabeça: era o tal do glúten. Eles queriam fazer o macarrão sem glúten, e não dava certo, e eles queriam. E eu lembro que em toda reunião tinha o bendito do glúten.

**MLMC:** E ainda tem até hoje.

**JFRA:** Enfim, deu muito certo o projeto, foi muito badalado, gostaram e ficaram felizes. E daí, nós queríamos continuar, mas tinha acabado a parceria. Mas a gente falou nós queremos continuar, mas eles disseram que queriam continuar mesmo sem parceria.

**MLMC:** Posso falar um poema do Chacal, que se chama Grapette, que eu vou falar amanhã na minha apresentação: - “Só o impossível acontece, o resto se repete, se repete”.

**JFRA:** Nossa que lindo, eu vou anotar depois. Daí a gente continuou o projeto e convidou as escolas para dizerem se queriam ou não, e a gente limitou uma porque seria loucura trabalhar com todos. Então a gente criou outro projeto e deu o nome de projeto Geração. Então tinha a escola que escolhia geração saúde, tinha uns que faziam trabalhos com idosos, para conhecer a cidade.

**MLMC:** E daí poderia envolver várias disciplinas?

**JFRA:** Tinha que envolver todas. Trazia gente de fora para falar. Fazia trabalho em grupo com as professoras. A Sonia Morandi, maravilhosa que você conheceu e tinha a Doroti Toyohara e o Rizzo, Antonio Rizzo, deu muito certo. Naquele prédio do Banespa, que era no último andar, que tinha um jardim.

**MLMC:** Eu nunca subi lá, parece que é só depois das 15 horas.

**JFRA:** Pelo projeto Alimentos fizemos uma visita pelo centro de São Paulo e a gente levou para eles conhecerem um monte de coisas.

**MLMC:** Eu fiquei emocionada de ouvir você falar. Por que agora eu me dei conta, e eu nunca havia pensado nisso, e daí eu fui atrás da apostila da Sonia Morandi, como eu fui me apropriando dessa metodologia toda, sem perceber. Estou muito emocionada quanto trabalho tem antes, e às vezes a gente nem percebe. Mas ouvindo você falar agora.

**JFRA:** Eu também fiquei emocionada. Principalmente, impulsionada pelo Almério. E daí vem um projeto que você não conhece “Historiografia”. (risos)

**JFRA:** A Historiografia das Escolas Técnicas Mais Antigas, e em 1997, ela foi até o Almério, que ela já conhecia e propôs que se fizesse um projeto com os documentos importantes que às vezes ficam jogados.

**MLMC:** Ou no porão como na Carlos de Campos.

**JFRA:** Como arquivo morto. E foi falar comigo e eu também me interessei. Foi assim, a Carmen e o Almério eles se conheciam e tinham muito afeto, e eles propuseram esse projeto para a FAPESP com esse nome imenso “Projeto Pesquisa sobre o Ensino Público Profissional no Estado de São Paulo: memória institucional e transformações histórico-espaciais”. Ele foi aprovado, e a FAPESP fez a mesma coisa que a Vitae, que era equipar. Ela deu os armários deslizantes, ela deu material para trabalhar fotografias. Tudo que se relacionasse com equipar bem para que o arquivo histórico fosse seguro, não se deteriorasse, que fosse e a escola tem ligação com a cidade, e que estudaram aqui, e tal e tal. E a coisa andou, e quantas escolas.

**MLMC:** Foram quatro no início, e depois, mais quatro.

**JFRA:** Isso mesmo. Foram quatro no início e estão dando certo, e ainda entrevistando pessoas que tinham trabalhado lá ou estudado lá. Enfim, a ideia era essa: - Conscientizar o pessoal que o arquivo é para o pesquisador e historiador, a mesma coisa que as ruínas são para os arqueólogos.

**JFRA:** Bom, como é que se trabalhava? Cada uma das escolas tinham três professores, trabalhando juntos. Primeiro de tudo tinham que tirar do lugar onde estava, era um lugar contaminadíssimo.

**MLMC:** Quando eu cheguei já estava organizado nas caixas. Eu substituí a Fabiana Valeck de Oliveira, já eram três anos, e eu peguei a parte de pesquisa.

**JFRA:** Tinha documento que estava manchado. Como segura um documento tão antigo? Que produto tinha que por para descontaminar. E tudo isso, era um trabalho que tinha que ter três pessoas.

### **Vídeo três (37 minutos e 17 segundos)**

**JFRA:** E tudo isso constituía um Centro de Memória, que atraísse pesquisadores, dentro da escola mesmo, os alunos estimulados pelos professores, os próprios professores, os historiadores e estudantes universitários. O cidadão curioso para saber os nomes dos antigos colegas. Enfim, então o Centro de Memória era assim o ápice do projeto, então as primeiras foram oito: - Fernando Prestes, Getúlio Vargas, Júlio Cardoso, José Cônego Bento, Aristóteles Ferreira com a Escolástica Rosa, mais antiga de

todas, já tem mais de cem anos. É engraçado que a Escolástica Rosa, por que a gente descobriu assim, por que de repente, os que estavam trabalhando no projeto de Historiografia, eles viram que a Escolástica é que foi a mãe da outra escola, que foi dela que surgiu a Aristóteles Ferreira, e ela foi incorporada como um apêndice, por que eles trabalhavam os documentos da Escolástica e da Aristóteles.

**MLMC:** Eu acho que quando eu entrei em 2001, a gente ainda não tinha acesso aos documentos da Escolástica Rosa. Depois, é que ela foi incorporada ao Paula Souza.

**JFRA:** Quando ela foi incorporada, é que os professores começaram. Tinha duas diretorias, alguns empecilhos, mas tudo bem. Cada escola foi apresentada com as fotos, e que foram Daí teve a publicação do álbum fotográfico que você trabalhou.

**MLMC:** Eu sei por que da Carlos de Campos fui eu que escolhi as fotos, mas foi conversando com as professoras e nós fizemos as legendas.

**JFRA:** Tem uma fase, de fazer exposição no corredor da Cetec com os cartazes. Gente! Os professores vieram lá para a sede do Centro Paula Souza e nós pegamos cartolinas, já tínhamos combinados os tamanhos das fotos, e eles já trouxeram as fotos, ficou como uma exposição profissional.

**MLMC:** Agora que eu entendo, por que quando eu cheguei tinham fotografias expostas na Carlos de Campos.

**JFRA:** Eles fotografavam as fotografias. Não traziam as fotografias.

**MLMC:** Agora que eu estou entendendo aquelas cópias das fotografias no Centro de Memória.

**MLMC:** Quando foi? Em 1999?

**JFRA:** Não. Foi mais no começo, com as primeiras fotos. Eu vi e senti que o Almério, ele ficou... Aconteceu uma desgraça. Mas passou um ano, um ano e meio, e uma funcionária picou e jogou fora. Os cartazes foram picados. Eu tinha pedido para guardar sem amassar, por que a gente poderia ir para um congresso, participar, e até fazer cartazes. Foi para o brejo.

**JFRA:** Eu tive quase um colapso.

**MLMC:** Em todo o meu período na Cetec nos tínhamos que limpar os armários, por que nós tínhamos um espaço muito pequeno, e tínhamos que descartar. Eu lembro que nós lutamos por espaço e até tínhamos mais espaços do que as outras. Eu guardei todo o material do curso de carne, está comigo em casa, uma ora eu quero escrever sobre ele. Mas tem um curso de tecnólogo de cosmetologia, que eu tive que jogar fora, então o processo de desenvolvimento do curso foi para o lixo. E naquela época, eu não trabalhava

com memórias como trabalho hoje. Agora que nós vamos ter que escrever uma política de conservação, por que não tem como montar um centro de memória digital sem essa discussão... Nós nunca vamos ter espaço para guardar tudo. Mas pelo menos termos alguns exemplos.

**JFRA:** Esse trabalho que você está fazendo de entrevista, então essa memória vai sendo repassada. Seu trabalho é lindo.

**JFRA:** Você não estava na época. Mas então feito o vídeo, que depois a gente pode mostrar, teve o inventário das fotos documentais.

**MLMC:** Esse álbum agora está no nosso site de memória, em publicações, para os alunos terem acesso. Deixa eu te contar para você ficar feliz, há uns três atrás eu fui visitar a uma feira tecnológica, e uma menina fez toda uma apresentação com um pôster sobre memórias, e ao perguntar a aluna, ela montou um projeto, e ela disse que pegou do site de memórias o álbum, que contribuiu com o seu trabalho, mesmo publicado em forma digital, e eu fiquei muito feliz.

**JFRA:** (Julia mostra uma foto no álbum fotográfico) Principalmente, por que essa geração sabe como lidar com a forma digital.

**MLMC:** Eu não resisto a um contexto.

**MLMC:** Você me passou o CD, mas ele não está montando. O arquivo não é o diagramado pela Imprensa Oficial. Então vamos ter que trabalhar nele para eu poder colocar (no site) Quando eu entrei em contato, mas eles ficam cinco anos com o arquivo e depois descartam. Sabendo disso, agora nós estamos com os nossos dois livros no nosso site. A gente produz alguns números impresso, por que é importante para divulgar o trabalho, mas assim que distribuimos colocamos no site para os alunos e os professores podem trabalhar com eles.

**JFRA:** Quando acabasse o projeto como é que ia ficar. Mas e os documentos que estavam chegando. Então teve a formação para as secretarias e diretores de serviço, no Centro Paula Souza, e eu continuava como coordenadora desse projeto. A Carmen participou algumas vezes, mas quem participou mais foi a Maria Cristina Vendrameto, e aquela que tinha cabelo cumprido. Como ela chamava?

**MLMC:** Iomar.

**JFA:** Iomar é. Elas também participaram e tivemos uma sorte fabulosa por que no arquivo do estado, eles estavam muito todo o sistema de catalogação e registro de arquivo e tudo, e então, elas foram e assistiram todo o curso.

**MLMC:** Vou te dar uma notícia boa e outra mais ou menos. Por exemplo, nós estamos em uma parceria com o Centro de Documentação, faz um ano e meio que nós começamos a conversar, e montando o arquivo histórico

institucional, lá na sala 11, com o objetivo principalmente de preservar as obras raras e os nossos livros didáticos. E como conversamos no início da entrevista, daqui a 50 anos, o que hoje é corriqueiro, vai ser obras raras para os nossos colegas que vierem trabalhar com isso. E daí eu encontrei obras raras de 1939, por causa da minha pesquisa para o doutorado, eu identifiquei uns livros e fui até Casa Branca. E chegando lá eu fotografei a secretaria acadêmica, por que eles tinham os arquivos em alvenaria, tudo nas caixinhas, e encontrei uns móveis antigos e fotografei tudo. Eu acho que isso deve ser resultado de todo esse trabalho.

**JFRA:** Qual cidade que você falou?

**MLMC:** Casa Branca.

**MLMC:** Embora eles não tenham um Arquivo Histórico, o primeiro diretor deles era da Superintendência, e talvez por isso, eles têm uma biblioteca riquíssima. Então falamos com o diretor para montar um Arquivo Histórico na escola, e como pretendemos digitalizar as coisas, e já estão no nosso site, tanto que a minha proposta para o ano que vem é definir três ou quatro temas. Tem que ser piloto, mas atualmente estamos numa discussão sobre o vocabulário controlado, e o CGD tem mais de 270 termos que nós vamos nos apropriar, mas vamos ter que recorrer à secretaria. Agora isso não eu acho que daqui algum tempo eu vou poder te responder. A supervisão tem um trabalho interessante que está na internet, de que documentos que essas secretarias têm que ter, que estão relacionados para os Observatórios, para o SAI, e que é fruto desse trabalho inicial. Mas eu acho que nós vamos ter que conversar com eles, vai ter que ter para a secretaria acadêmica, e nós vamos até lá para se apropriar daquele documento que é permanente e o Centro de Memória, que vai ter sempre um espaço pequeno.

**JFRA:** A secretaria acadêmica tem que entregar um documento de arquivo permanente a quem for solicitar.

**MLMC:** O tema do nosso quarto encontro de memórias é Coleções, Acervos e Centros de Memória. Eu acho que os Centros de Memória daqui para frente vai ser um espaço para guardar as coleções, de ex-professores. Eu acho que com a instituição organizada, não precisamos ter todos os documentos, eles estão no CGD.

**JFRA:** O que é o CGD?

**MLMC:** É o Centro de Gestão e Documentação. A legislação toda que está lá no CGD, basta estar lá, de preferência digitalizada, para que todas as pessoas tenham acesso. A mesma coisa prontuário de aluno, eu não preciso ter cópia no Centro de Memória, eu vou até a secretária, pesquiso e ponho de novo no lugar. A memória é de toda a instituição, é isso que nós temos que aprender para compartilhar, e a minha preocupação por ser da área técnica estudar a evolução da ciência, da tecnologia. Por que muitas vezes a técnica vem na frente da ciência, a gente desenvolve coisas, não sabe

explicar, e a ciência vai descobrir isso depois, e nós estamos fazendo isso agora.

**JFRA:** Não sei se você viu que estão sendo lançadas hoje duas coleções das duas guerras mundiais. Foi durante uma das guerras que iniciou essa atitude do horário de verão para economizar energia, para nós é novidade, na nossa infância não tinha isso aqui no Brasil, foi em outros lugares, e é antigo e a gente não sabia. É como a torre de comando no aeroporto surgiu por causa da guerra.

**MLMC:** É como a pasteurização das sopas com Napoleão. É aquela história da polaridade uma coisa ruim se transforma em uma coisa boa.

**JFRA:** E uma coisa boa.

**MLMC:** A música é mais visível e os artistas expõem mais e então a gente percebe isso de imediato. Na ciência acho que isso não está tão claro. Eu quero fazer vídeos é mostrar. Mas certamente temos em outras áreas e o Centro Paula Souza abre espaços. O que esses vinte anos nos atrapalharam, inibiram a criatividade para técnica e a tecnologia, o que isso atrapalhou e como vamos fazer daqui para frente, enquanto e cada vez eu espero que com menos influência americana e a gente possa dar um salto.

**JFRA:** Então é isso aí, do projeto de historiografia, e acabou o apoio da FAPESP. Em 2003, veio o nome “Política arquivística e história da educação” e a gente ainda contava com apoio da Iomar.

**MLMC:** E a Carmen falava sobre o que?

**JFRA:** Ela falava sobre memória e história. Mas as outras duas falavam sobre os arquivos e eu também não entendia nada, a gente não conseguia ser tudo.

**MLMC:** Eu continuei escrevendo sobre o Dispensário de Puericultura, e daí foi um recorte pequenininho, e eu não acompanhei o trabalho do grupo.

**JFRA:** O Américo escreveu sobre o dispensário

**MLMC:** Ele escreveu sobre o Dispensário?

**MLMC:** Eu realmente agradeço muito o Almério. Como eu gostava muito de memória, eu montei um projeto sobre o Dispensário de Puericultura, com uma professora de Campinas, e em Franca, com a Joana, e em Sorocaba, também com a Fernando Prestes, com a professora Renata. O Centro Paula Souza me apoiava por que eu tinha projeto. A Luciana tirava dúvidas com ele.

**JFRA:** Tem um laboratório de fotografia.

**MLMC:** A Luciana devia ir tirar dúvidas com o Américo no Centro de Memória de Campinas.

**JFRA:** O Américo fazia um trabalho bom. Ele batalhou.

**MLMC:** Eu vou montar um laboratório de conservação de papel lá na Carlos de Campos, eu pedi para não tirar o azulejo da cozinha, é um espaço pequeno, mas nós vamos tentar.

**JFRA:** Ah, que lindo. A Associação de Arquivista e foi muito bom.

**MLMC:** Eu acho que fiz esse curso. Como fazer? E eu uso de vez em quando essas apostilas.

**JFRA:** A Cristina tinha que fazer a dissertação de mestrado, então ela começou a fazer uma tabela. Como ela não tinha conhecimento da secretaria, então nós começamos fazer as partes que deveriam existir no arquivo. Mas eu ficava só com as informações do Centro Paula Souza, e eu não sabia quase nada, mas conversávamos muito, e ela fez a tese.

**MLMC:** No final, a dissertação de mestrado dela, acho que por causa de prazo, ela fez sobre o Centro de Memória da Getúlio Vargas, eu acho que ela focou no Centro de Memória, mas eu acho que esse trabalho tem tudo a haver com a supervisão.

**JFRA:** Agora que você falou, eu fiquei com um peso na consciência: - eu deveria ter gente da supervisão para participar desse encontro.

**MLMC:** O número de pessoas era muito menor do que hoje.

**JFRA:** A gente não pode convidar por que eles não têm tempo. Todas as aquelas coisas para resolver. Enfim, fica para a próxima.

**MLMC:** Era outra estrutura. Hoje a Cetec, tem a Gfac, a Supervisão, o grupo de EAD. Na época, que você deu esses cursos o numero de supervisores era muito menor, era outra estrutura.

**JFRA:** Bem então ficou assim: - Estava fazendo projeto, daí chegava outro. Acabou o de Alimentos, daí eu fiquei na Historiografia mais tempo, e depois veio o Ensino a Distância. E assim foi.

**MLMC:** Mas antes de você entrar, voltando a memória um pouquinho, quando você estava falando em temática. Eu fiquei pensando no nosso projeto de Memórias, porque a gente trabalha com temáticas, e eu sempre fico com um drama de consciência por que a gente não consegue atender todo mundo. Eu vou aos congressos e repasso para eles. A gente aprende muito olhando um o outro. Você vê aquilo e te da outra ideia.

**MLMC:** Hoje a gente tem os pontos de cultura, infelizmente parece que pararam com isso. Eu tenho uma admiração pelo Gilberto Gil. A partir de 2010, a lei de museus surgiu em 2009, mas só foi aprovada em 2013. São Paulo começou a se envolver, podemos ter problemas, mas estamos fazendo. Foram os museus que começaram a surgir nos municípios. Tem artigos sobre a memória. Agora nos estamos com uma lei que é o marco legal sobre a internet, e isso aumenta a nossa responsabilidade, principalmente quando divulgamos um documento na internet. É um processo que é lento e que começou em 1997. Eu fugia da arquivologia até o ano passado. Eu queria motivar as pessoas a escreverem, os dois livros foram sobre as pesquisas. Mas eu acho que daqui dois anos vai ter que ser sobre inventário.

**JFRA:** E agora essa forma de classificação toda já foi superada pela outra proposta que veio, eu acho.

**MLMC:** Daqueles cursos todos que nós fizemos no arquivo do estado, é lógico que são importantes, mas cada laboratório tem que ter a sua especificidade e tem que ter a sua organização. Nós temos que transformar tudo isso para uma ficha única, que vai ser a linguagem que nós vamos ter que nos preocupar, que até essa linguagem que nós vamos ter um centro de memória tem que ter o que código para se comunicar com o outro e que vai mudar é o número da etec. Nós temos centro de memória até na Fatec de Jundiaí que a professora Sueli é responsável. Eu tenho chamado de curadores os professores que são responsáveis. Eu acho que vamos ter que trabalhar mais o coletivo.

**MLMC:** A gente vai ter que sair cada um da sua casinha. É lógico que a gente se reúne nos Clubes de Memórias, mas acho que vamos ter que ampliar isso.

**JFRA:** Bom. Agora é Telecurso TEC.

**MLMC:** Que ano foi isso? Em 2007?

**JFRA:** Tem que ver. 2008? Pensei, eu não sei nada de ensino a distância. Mas tudo o que Almério pede é bom, então esse vai ser bom também. O encontro com a turma do Roberto Marinho. E começaram os encontros com a turma de lá e a turma de cá. Primeiro para definir bem como seria a educação à distância nesse projeto. Então foram escolhidas três: - não é profissão, foram três cursos. Só seriam esses três no começo: Administração, Gestão de Pequenas Empresas e Secretariado. Esses cursos teriam que pensar como seriam os currículos, como eles iriam aprender e o material didático.

**Vídeo quatro: (trinta minutos)**

**JFRA:** Então, então continuando aqui no telecurso, foi feito reunião, cada um fez um texto, e nenhum foi aprovado. Por que a linguagem teria que ser, falei agora pouco, só para reafirmar.

**MLMC:** Aqui tem a capa do livro, Julia.

**JFRA:** Cada um tem um rosto. Então está feio assim, por que os outros livros meus estão todos em cima na estante. Tem um para cada módulo. Eu tenho medo de subir na escada e cair.

**MLMC:** Pede para alguém subir. Não faça isso.

**JFRA:** Então esse era para todos os cursos o mesmo, por que era a base para eles depois desenvolverem cada um na sua área. Esse livro aqui, por exemplo, no começo a gente ficou assim: - poxa não aceitou nenhum texto de nós. O texto é tão fácil de ler. Mas daí a gente entendeu perfeitamente, eu fiquei maravilhada. Eles conseguiram fazer um livro gostoso.

**MLMC:** Mas eles aproveitaram o material que vocês escreveram?

**JFRA:** Não, era sim, escrever aí qualquer coisa que você queira. Eu escrevi sobre o trabalho oculto.

**MLMC:** Mas e daí, nenhum da Paula Souza escreveu?

**JFRA:** Não, espera aí. Mas nenhum de nós do Centro Paula Souza foi escolhido para escrever. A Andreia Ramal tem aparecido bastante na televisão, no programa da Fátima Bernardes, ela é uma educadora muito boa, e ela foi contratada como consultora para escrever.

**JFRA:** Ela participava dos encontros, e ela já tinha ideia de como seria um livro que fizesse o aluno trabalhar sozinho, e para alguma coisa importante. Por exemplo: começa trabalhado com uma historinha assim: - Uma padaria tá com problema e daí vem uma discussão sobre aquele problema da padaria e daí vem perguntinhas, assim: - o seu dia a dia tem muitas atividades? - quantas pessoas precisam participar de algum modo para que essa atividade aconteça? E daí transporta para a vida real do aluno.

**JFRA:** Daí todos os capítulos tem essas seções. Tem uma seção, por exemplo, aqui: - Descreva ou desenhe em um quadro, no seu bloco de notas, o processo envolvido na compra de um pão na padaria, todo o processo, indique os envolvidos em cada etapa. Vai lendo e vai fazendo o aluno pensar. Por exemplo, do tema, tem que folhear mesmo para entender, por que só assim não dá para entender. E daí tem os conceitos de planejamento, tal... entendeu?

**JFRA:** É um livro bem dinâmico, faz o aluno ir e voltar, e não é só isso, para cada capítulo tem vídeo. O vídeo é uma pessoa entrevistando um empresário, uma secretária, uma visita na padaria de Conto, famosa. Não

estou podendo comer doce e fui lembrar. Por que eu fui lembrar? Eles fizeram entrevistas lá dentro, as pessoas que trabalham lá. E foi assim na televisão também. Na Globo tinha um programa às 6 da manhã. Isso para quem voltou do trabalho e isso para quem ia fazer totalmente a distancia. Mas tinha um também semipresencial.

**JFRA:** E também tinha o semipresencial, as pessoas interessadas se inscrevem e tem que fazer uma prova de avaliação. Eu esqueci de falar. Tudo quanto foi avaliação aqui eu estava no meio. Mas, desde o começo que eu entrei, comecei a fazer questões para o vestibulinho, e depois, para o Telecurso, e para concurso de professor de História, e acabei escrevendo o livro sobre avaliação. Tudo foi uma oportunidade.

**MLMC:** Tem um livro que você escreveu sobre avaliação de competências. Foi nessa época?

**JFRA:** Foi nessa época. Um grosso que ninguém aguenta ler.

**MLMC:** De capa rosa. Acho que tem relação com aquele curso de transporte.

**JFRA:** Não é que tenha. Eu fiz avaliação para o curso de transporte. Tem questões que eu peguei de lá. Ah! Você tem razão. Eu peguei uma prova de transporte, e justifiquei por que era certa.

**MLMC:** Como eu também trabalho com temas, e nesse período, eu trabalhava com memória ferroviária, a convite da Fatec de Jundiaí, da professora Sueli (Batista), não sei como eu li o seu livro, eu acho que eu fui procurar material e vi que era sobre transporte. Eu acho que quando você lançou eu fiquei com isso na cabeça, e fui procurar e vi que era útil, ao que eu estava fazendo, então eu li grande parte do seu livro.

**JFRA:** E um livro que é difícil um professor ter tempo para ler tudo aquilo. Só uma pessoa que está com uma disposição bem grande como a sua para pesquisar.

**MLMC:** Quando a pessoa precisa é importante ler para a pessoa se situar, e é sobre as competências.

**JFRA:** O nosso tipo de prova para o vestibulinho. Posso falar isso? Era muito avançado para a época. Até do vestibular e daí começaram a vir provas muito semelhantes ao que estávamos fazendo, quase igual, mas não igual, por que ainda cobravam muito conhecimento, e a gente sempre cobrava uma questão problema. e como ler e raciocinar.

**MLMC:** Eu participei um ano ou dois anos da elaboração da prova de química. Acho que um dos filhos da Doroti (Toyohara) ia fazer vestibulinho e ela não podia participar e fui substituir. E realmente foi uma experiência muito interessante, de poder participar de todo aquele processo. Eu também tive que fazer, e que vai e volta.

**JFRA:** Era interessante, e de uma riqueza, por que a gente fazia interdisciplinar.

**MLMC:** E todo mundo comentava. A gente se reunia.

**JFRA:** No começo a gente fazia e a gente ria de todas as questões (risos). Daí a gente dizia o que você quis dizer com isso. E começava a falar e dizia por que você não troca essa palavra.

**MLMC:** Mas eu peguei isso.

**JFRA:** E quem está do lado de fora

**MLMC:** Eu peguei exatamente assim, com o Rizzo e todo mundo discutia, e eu peguei já nessa fase.

**JFRA:** Tá mesmo. Bom voltando aqui, eu esqueci onde eu parei. Então já tinha o livro e em cada capítulo. Eram duas irmãs, a Andreia Ramal e a Silvia, então cada capítulo que elas faziam ela mandava para mim no caso do Secretariado e de Gestão, e no caso de Administração mandava para o Renato. Então a gente lia e fazia considerações. Então eles pegavam a ideia principal e foi saindo e quando ele ficou pronto, o vídeo logo em seguida já estava pronto. Levando em consideração todos os casos, aquela pessoa com mais idade, que teve um ensino médio bem longe do tempo atual. Aquele que está fazendo o ensino médio. Até nas provas, todo mundo acha difícil, e também a prova era fácil.

**MLMC:** E aumentaram o número de cursos enquanto você estava lá?

**JFRA:** Não. Enquanto eu estava lá só eram esses três. e eu ia fazer o curso, para os professores. É uma que dava aula para aquele curso de quem não fez quando, na idade certa o ginásio, e daí precisava fazer um curso...

**MLMC:** Supletivo?

**JFRA:** É supletivo. É uma que é bem conhecida lá. Eu fiquei distante das pessoas, e eu demoro um pouco para lembrar. Como o do Américo, imagina esquecer do Américo, que já era de História. Enfim, o que dava certo e o que não dava. A primeira parceria foi com a prefeitura de São Paulo, foi com o CEU, era na época do Kassab. Cada CEU ia ter uma classe, e em cada classe ia ter um orientador de aprendizagem, a gente nunca usou a palavra professor. E tinha um que ia conversar e fazia encontros para ver se estava dando tudo certo, por que a gente fazia encontros presenciais para ir formando professores para ver como era educação a distância. Nesse CEU eles tinham aulas presenciais nos sábados. Era semipresencial e de sábado quase todos podiam ir, dependendo do horário em que trabalhavam. Quando eles arrumavam emprego, eles paravam de fazer. Deu certo, mesmo com toda explicação, no livro e no vídeo, eram muitos trabalhadores que faziam.

Daí nós fizemos a segunda parceria. Essa segunda ficou assim, em termos, por que era em Minas, o candidato Aécio. Foi ali no SENAI e lá, essa segunda parceria ficou assim, Minas tinha só ensino médio e técnico.

**MLMC:** Mais ou menos foi quando?

**JFRA:** Foi em 2008 que começou o telecurso. Foi muita coisa para eu procurar, Depois eu vejo com calma.

**MLMC:** Você sabe que eles lançaram uma revista, tem uma revista que eles lançaram no grupo só histórico.

**JFRA:** Sei, mas eu não conheci ainda.

**MLMC:** E eles fizeram um volume só histórico. Tem um artigo que o Oswaldo escreveu, e ele conta e é bem interessante, eu acho que vou por no site de memórias. Por que os professores podem se apropriar.

**JFRA:** O Renato ia mais, e o José Vitorio. O Renato era o diretor ou o coordenador no telecurso.

**MLMC:** Ele era o diretor.

**JFRA:** Ele era diretor de escola, mas lá era o coordenador, mas eu sei que ele era o primeiro da turma. Eu nunca fui em primeiro lugar.

**JFRA:** Mas ai acabou a segunda turma, e chegou a terceira parceria, foram oferecidas 100 mil vagas, mas somente 50 mil foram preenchidas, mas na Secretaria em uma escola estadual e tinha 6000 vagas. Mas nós enfrentamos um problema muito grave. Na secretaria diziam que não podia isso ou aquilo, e então teve que ser pela internet e cada classe.

**MLMC:** Isso significa que eles não recebiam por esse trabalho extra.

**JFRA:** É. Eu acho que eles tinham duas horas para fazer isso, e que é pouco, que era o Centro Paula Souza e eles faziam o contato com os orientadores.

**JFRA:** E a quarta parceria foi com as Etecs, e daí com as etecs estava mais fácil, por que a gente tinha tido várias experiências. Foi oferecido as escolas e era o diretor que decidia se queria ou não.

**MLMC:** Isso foi em que ano?

**JFRA:** Você faz muita pergunta de ano. E eu já disse que eu não sei.

**JFRA:** Deve ter sido em 2009. E essa parceria é que está em vigor até agora. E foram dados os vídeos para todos os orientadores de

aprendizagem, e eles ganharam os livros e os vídeos. Eu não sei se ainda tem esse curso na TV.

**MLMC:** Tem por que de vez em quando eu vejo.

**JFRA:** Tem. Mas é o Telecurso TEC com o Centro Paula Souza?

**MLMC:** Acho que não é mais do Centro Paula Souza. Acho que nós estamos fazendo sozinhos.

**JFRA:** A formação deles foi muito boa. A gente bolava outros. Por exemplo: - Eu criei uma ficha de avaliação de aluno. Então invés de ficar o professor lá no final, então ele vai lá e eles fazem avaliação em grupo. E cada aluno se situa no grupo. Ficaram os seguintes itens: Qual é a atividade? Qual é a sua responsabilidade/ Qual foi o grau de dificuldade que ela apresentou a você? / Que esforço você dedicou para superar essa dificuldade? / Como você avalia a sua participação e de cada um dos membros do grupo? – Quais os fatores que contribuíram para o desempenho da equipe.

**MLMC:** Eu estou vendo você falar isso, e eu fiz tudo isso para o curso de Processamento de Carnes. Foi em 2005. Eu tenho todos esses questionários que eu preciso tabular. Eu não sei quando eu vou fazer isso, mas um dia eu preciso tabular isso. Mas um dia eu vou. Por que eu não gosto de deixar nada parado.

**JFRA:** Porque um dia chega mesmo. Por que esse livro mais recente, eu mandei um para o Almério, todos sem dedicatórias, por que eu estava em Campinas, e a minha amiga foi levar. Para o Almério, para a Laura, para a da Fatec, que eu não sei falar.

**MLMC:** Para a professora Helena?

**MLMC:** Helena Peterossi.

**JFRA:** Tem em e-book esse livro.

**JFRA:** Daí essa era uma planilha se avaliando e avaliando o grupo ao mesmo tempo. E daí uma outra planilha se avaliando em alguns pontos. Por exemplo: - Quais foram os meus pontos fortes nesse trabalho? Preciso melhorar em Como pretendo superar os meus desafios? A avaliação tá formando, formando.

**MLMC:** É como fazer um relatório. O relatório te faz refletir e pensar nas próximas etapas.

**JFRA:** Então o Telecurso foi assim que aconteceu e a gente vibrava nos encontros.

**MLMC:** Mas isso foi quando?

**JFRA:** 2 de fevereiro de 2001.

**MLMC:** Alguém me falou a Julia não podia se aposentar. Então eu disse: - mas ela não se aposentou, por que ela continua escrevendo.( risos)

**JFRA:** Teve uma fase que eu vivi depois do tratamento do câncer. Mas eu não queria fazer nada. Era um momento de interiorização. Mas foi necessário.

**MLMC:** Eu tive uma fase de budismo e foi ótimo porque eu aprendi a controlar o meu cérebro, e também foi ótimo. Por que tem tanta coisa maravilhosa para a gente fazer, mas não nada. Eu ia no templo , e eu me envolvo tanto, que queriam e quando eu vi que me passaram tanto texto, achei que estava na hora de sair.

**JFRA:** Eu tenho paixão por cinema, o meu avô foi cineasta.

**MLMC:** Você vê o canal Curta e o Arte 1?

**JFRA:** Como chama?

**MLMC:** Qualquer pessoa é o pacote da NET. É o 53.

**JFRA:** A NET daqui é da Kátia, ela pediu para ficar aqui.

**MLMC:** .... (encerrou)

### **Descritores**

Artes

Centro de Memória

Cinema

Ensino a Distância

Etec São Paulo

Ética e Cidadania

História

Historiografia

Julia Falivene Alves

História oral na educação

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Memórias do trabalho docente

Unidade de Ensino Médio e Técnico

Telecurso TEC

### Dados Biográficos da Entrevistada



Júlia Falivene Alves. Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica da Campinas (PUCAMP), professora de Sociologia, Economia Política, Ética e Cidadania e História, sempre em escolas públicas por opção política. No Centro Paula Souza, atuou como Professora Responsável pela Disciplina História, Responsável por Projetos, integrante da Coordenadoria Pedagógica do Telecurso TEC e Coordenadora e Professora de Cursos de Formação Continuada em Práticas Pedagógicas. É autora de livros didáticos e paradidáticos: Invasão Cultural Norteamericana no Brasil, Metrôpoles: cidadania e qualidade de vida; Capítulo "Cidades Maravilhosas cheias de violências mil", in Violência em Debate; Capítulo "Com que cara chegaremos ao terceiro milênio?", in Identidade Nacional (todos da Ed. Moderna); Ética, cidadania e trabalho (Ed. Copidart); A prova-teste como instrumento de avaliação de competências: princípios, elaboração, validação e possibilidades." (Ed. Komedi/Ceetps); Ética Profissional e Cidadania Organizacional, em co-autoria com Carmen Bassi (Ed. Fundação Padre Anchieta); Avaliação Educacional: da Teoria à Prática (Ed. LTC). Em parceria com a Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (USP), organizou as obras "Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais" e "Escolas profissionais públicas do Estado

de São Paulo: história em imagens (Álbum Fotográfico)"(Ed. Ceeteps/Imprensa Oficial).

### Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e

Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas (2018), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

**Anexos** (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem